

VISÃO DO MUNDO COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO SEGUNDO ARTHUR SCHOPENHAUER

LELIANA VIEIRA SILVA

Graduando em Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: lelianaavs@hotmail.com

JOSÉ MARCOS MENEZES SANTOS

Graduando em Filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: marckosmenezes@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de apresentar algumas considerações sobre o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer a partir de sua obra principal *O mundo como vontade e como representação*. Após breve introdução, apresentamos a herança kantiana do pensamento de Schopenhauer. Em seguida, por meio da distinção kantiana entre fenômeno e coisa em si, desenvolvemos as noções de Vontade e Representação. Exploramos a concepção de Vontade em sua dimensão cosmológica e antropológica e verificamos o significado do mundo como representação, tal como aparece para um sujeito cognoscente.

Palavras-chave: Mundo. Representação. Vontade.

ABSTRACT: This work aims to present some considerations about Arthur Schopenhauer's thoughts from his main work "The World as Will and Representation", in its three main parts. After a brief overview, we present, in the second part of this paper, Kantian heritage in Schopenhauer's thought. By distinguishing between phenomenon and "thing-in-itself", we have developed the notion on Will and Representation that is related to the second part of this paper. In third part, we examine the conception of Will in its cosmological and anthropological dimension. In fourth section, we discuss the meaning of world as representation, as well as it appears to cognoscente subject.

Keywords: World. Representation. Will.

1. INTRODUÇÃO

A partir da obra principal *O mundo como vontade e como representação* de Arthur Schopenhauer, publicado em 1819, procuramos compreender os dois conceitos principais deste filósofo. Para tanto, inicialmente, apresentamos algumas considerações sobre a inspiração kantiana do pensamento de Schopenhauer, sobretudo, a distinção entre fenômeno e coisa em si, que repercute na distinção principal daquela obra e que guiará a distinção conceitual

que realizaremos nas seções “o mundo como vontade” e “o mundo como representação”.

A Vontade¹ é uma força cega de toda a natureza e o princípio para compreensão do enigma do mundo: do homem e dos demais seres vivos. Por isso, o conhecimento está subordinado à Vontade da natureza e dela se origina a representação do sujeito cognoscente. O mundo é representação tal como ele aparece na multiplicidade e particularidade dos seres do mundo, embora a representação seja a manifestação da Vontade da natureza.

Na sequência apresentamos as evidências textuais para tentarmos uma aproximação a este núcleo conceitual do pensamento de Schopenhauer.

2. A HERANÇA KANTIANA DE SCHOPENHAUER

Desde a antiguidade o homem buscou um sentido para a vida, uma motivação para continuar, uma vontade para viver em um cosmo perdido nas indagações do sujeito cognoscente. Na Grécia antiga o mito respondia aos anseios de uma sociedade, enquanto muitos pensadores inauguravam uma nova forma de entender a ordem das coisas e o seu valor para a existência humana. O grande filósofo Platão² acreditava e pregava aos seus discípulos que a realidade nada mais é do que uma cópia do mundo perfeito, que ele chamava de “mundo das ideias”. Na filosofia moderna a busca pela compreensão da essência recebe apoio e destaque de Immanuel Kant, que elabora uma crítica da possibilidade deste conhecimento metafísico ao estabelecer a distinção entre fenômeno e coisa-em-si. A crítica kantiana compreende a coisa-em-si como incognoscível e o fenômeno como a coisa tal qual aparece para um sujeito limitado dentro do espaço e do tempo.

Arthur Schopenhauer buscou em Kant inspiração para formular o seu pensamento filosófico. O mundo como Vontade e como Representação (título da obra principal de Schopenhauer) seria a marca decisiva daquela distinção entre fenômeno e coisa em si

A relação do sistema schopenhaueriano com a filosofia Kantiana, por um lado, é tão estreita, que o próprio Schopenhauer faz algumas exigências no Prefácio à primeira edição para os possíveis leitores de sua obra, que seria uma leitura antecipada dos escritos de Kant:

Contudo, por mais que o meu ponto de partida seja o que o grande Kant realizou o estudo sério de seus escritos fez-me descobrir erros significativos neles, os

1 No decorrer deste trabalho utilizaremos a palavra Vontade com a primeira letra maiúscula, por compreender que na filosofia de Schopenhauer ela ganha um status de sujeito do ser.

2 Schopenhauer identificava na doutrina de Platão que os objetos do mundo eram simplesmente uma cópia do mundo das ideias, feito todo ele de representações imperfeitas. Platão acreditava que as coisas em sua essência (absoluta) só existiam no mundo das ideias. (PLATÃO, 1965, p. 131). Para Schopenhauer só existe uma coisa absoluta que o sujeito cognoscente conhece: a Vontade.

quais tive de separar e expor como repreensíveis, para assim poder pressupor e empregar, purificado deles o verdadeiro e maravilhoso de sua doutrina. Todavia, para não interromper e confundir a minha própria exposição com uma polêmica constante contra Kant, reservei para esta um apêndice especial. Assim como, seguindo o já dito, a minha obra pressupõe familiaridade com a filosofia Kantiana, também pressupõe familiaridade com esse apêndice. Levando tal dado em consideração, seria aconselhável ler primeiro o apêndice, tanto mais que o seu conteúdo possui relação estreita com o primeiro livro da presente obra. Por outro lado, em razão da natureza da coisa, é inevitável que também o apêndice se refira, aqui e ali, à obra mesma: daí se segue que, como parte principal desta obra, ele tem de ser lido duas vezes. A filosofia de KANT, portanto, é única cuja familiaridade íntima é e requerida para o que aqui será exposto (SCHOPENHAUER, 2005, p. 22-23).

Diferente de Kant, Schopenhauer identifica a coisa-em-si com a Vontade e o fenômeno com a representação. Para este filósofo, a representação só é possível partindo da Vontade do sujeito que percebe que “Tudo que pertence ou pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido deste estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 44). Daí é possível entender que a significação das coisas faz referência ao sujeito cognoscente, como afirma o próprio Schopenhauer:

Tudo isso não é assim. Antes, a palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Tal palavra se chama VONTADE. Esta, e tão-somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno, manifesta-lhe a significação, mostra-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156-157).

Apesar de Schopenhauer partir da Filosofia kantiana para dar início a seu pensamento, por outro lado, ele promove mudanças significativas que diferem na estrutura conceitual em relação ao filósofo citado. Em suas críticas a Kant, Schopenhauer entendia que a forma do pensar kantiano colocava o conhecimento intuitivo em posição inferior, porque estaria preso a conceitos puros *a priori*. Para Schopenhauer isso seria um grave erro, uma vez que conceitos não são nada mais que representações de representações. Schopenhauer aponta a diferença essencial de seu método em relação a Kant:

Uma diferença essencial entre o método de Kant e aquele que sigo está em que ele parte do conhecimento mediato, refletido, enquanto que eu parto do imediato, do intuitivo. Pode-se compará-lo com aquele que mede a altura de uma torre pela sua sombra e eu com quem aplica imediatamente o metro. Por isso, a filosofia é, para ele, uma ciência *a partir* de conceitos, para mim, uma ciência *em direção* a conceitos, haurida a partir do conhecimento intuitivo, única fonte de toda evidência e apreendida e fixada em conceitos universais (SCHOPENHAUER, 199, p. 115, grifos do autor).

Com base nesta herança e na crítica por parte de Schopenhauer, partiremos para a compreensão do núcleo fundamental do pensamento dele, através da elucidação dos conceitos de Vontade e Representação em sua filosofia. Na sequência, procuramos compreender a dimensão cosmológica do conceito de Vontade para Schopenhauer, bem como a dimensão antropológica do sujeito cognoscente movido pela Vontade.

3. O MUNDO COMO VONTADE

A Vontade é para Schopenhauer o princípio para a compreensão do enigma do mundo, ela se manifesta em toda natureza, tanto no homem como nos demais seres vivos. Essa Vontade é a força que movimenta a vida e rege todo o mundo, seu ímpeto é cego. A Vontade, como nos informa Schopenhauer (2005, p. 31): “[...] não é, ela mesma, nem fenômeno, nem representação, nem objeto, ela é a coisa-em-si, e, por conseguinte, escapa ao princípio de razão suficiente, essa lei formal de tudo que é objeto; para ela não existe princípio donde ela possa induzir-se e que a determine”. Para este filósofo, o conhecimento quase sempre é servil à Vontade. Segundo ele, tanto o conhecimento intuitivo quanto o racional se originam da Vontade:

O conhecimento em geral, quer simplesmente intuitivo quer racional, provém originalmente da Vontade e pertence à essência dos graus mais elevados de sua objetivação, como um meio para a conservação do indivíduo e da espécie, como qualquer outro órgão do corpo. Por conseguinte, originalmente a serviço da Vontade para a realização de seus fins, o conhecimento permanece quase sempre servil, em todos os animais e em quase todos os homens (SCHOPENHAUER, 2005, p. 19).

Mesmo estando presente em tudo, é no homem que a Vontade se apresenta com um grau maior de objetivação, por meio do conhecimento intuitivo e abstrato. E é nesse sujeito do conhecimento que a vontade pode reconhecer-se como num espelho, porém, “de fora, jamais se chega à essência das coisas” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156). Sendo o homem Vontade, o seu querer íntimo aflora no mundo como ação, por conseguinte como representação. Entendemos assim que o homem é um fenômeno da vontade. Segundo Schopenhauer (2005, p. 172), “o princípio da razão é a forma universal de todo o fenômeno. O ser humano em seu agir, como qualquer outro fenômeno, tem de estar submetido a ele”.

Schopenhauer considerava que a Vontade está presente em todo universo: na rotação da terra, nos movimentos das ondas, na Lei da Gravidade, nas estações da natureza, nos fungos, na vegetação, no oxigênio, etc. Ele considera, primeiro, que todos esses fenômenos como uma manifestação da Vontade e, segundo, que a natureza age “cegamente”. O filósofo confirma:

Vontade [...] a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o polo norte, que brota do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades eletivas dos materiais como atração e repulsão, sim, a própria gravidade que atua poderosamente em toda matéria, atraindo a pedra para a Terra e a Terra para o Sol (SCHOPENHAUER, 2005, p. 168).

A Vontade também é ativa sem nenhum conhecimento.

O pássaro de um ano que não tem representação alguma dos ovos para o qual constrói um ninho; nem a jovem aranha tem a presa para a qual tece uma teia [...], nas ações desses animais, bem como em outras, a Vontade é sem dúvida ativa; porém se trata de uma atividade *cega*, que até é acompanhada de conhecimento, sem, no entanto ser conduzida por ele. (SCHOPENHAUER, 2005, p.173-174.)

Na concepção de Arthur Schopenhauer, a Vontade é o único elemento imutável do espírito que compõe a essência do homem. É também o princípio fundamental da natureza, não está sujeita à Representação e não se submete à razão. Portanto, dela origina a representação do sujeito cognoscente.

4. O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

De acordo com Schopenhauer a primeira perspectiva do sujeito cognoscente é: “o mundo é a minha representação”. O filósofo entende que as impressões sensíveis são ordenadas pelo espaço e tempo, e toda representação é regida pela lei da causalidade. “É, pois, a causalidade que forma a ligação entre o Tempo e o Espaço” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 16). O argumento que ele utiliza para fundar seu idealismo da Representação está no conceito de sujeito e objeto. Nos diz Schopenhauer (2005, p. 80):

Esta relatividade completa e sem exceção do mundo como representação, tanto na sua forma mais universal (sujeito e objeto) quanto na subordinada

a esta (princípio da razão), indica, como dito, que a essência mais íntima do mundo deve ser procurada num lado completamente outro, totalmente diferente da representação.

O sujeito é a parte ativa: aquele que conhece e experimenta, por sua vez, o objeto é aquilo que é conhecido e experimentado. Essa relação entre o sujeito e o objeto é possível por causa da experimentação, que acontece através dos sentidos no corpo do sujeito que conhece. Com base no pensamento de Schopenhauer, podemos então afirmar que o universo em sua totalidade é representação, é um objeto em relação ao sujeito que o conhece, assim afirma o filósofo:

Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. Que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão-somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

É na relação com o mundo que o Sujeito percebe o seu próprio corpo, e, movido pela Vontade, que concretiza nele próprio a Representação do mundo, submetido às Leis do espaço e do tempo. No entanto, o resultado dessa Representação advém apenas da imagem do sujeito que apreende e conhece: “o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro é tão-somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, Representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Já o objeto é tudo aquilo que é experimentado e que não pode conhecer algo na relação de conhecimento, ele é inserido nas formas *a priori* do tempo, do espaço e da casualidade e por elas condicionado. Em relação às condições *a priori* do conhecimento ou da Representação é fundamental destacar a citação de Kant referida por Schopenhauer:

[...] tempo espaço e casualidade não são determinação da coisa-em-si, mas pertence apenas o seu fenômeno pois são mera forma do nosso conhecimento. Ora, com toda pluralidade, nascer e perecer só são possíveis por meio de tempo, espaço e casualidade, segue-se que essas formas cabem exclusivamente ao fenômeno, de modo algum à coisa-em-si. E, como nosso conhecimento é condicionada por tais formas, a experiência interna é apenas conhecimento do fenômeno, não da coisa-em-si: por conseguinte as leis do fenômeno não pode se válidas para esta (SCHOPENHAUER, 2005, p. 237)

Schopenhauer (2005, p. 45) afirma que: “aquele que tudo conhece e não é conhecido por ninguém é sujeito. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que existe, existe para o sujeito”.

5. CONCLUSÃO

Em *O mundo como Vontade e como Representação*, de Schopenhauer, discutimos o significado da Vontade para Representação e a condição do sujeito que conhece em relação ao objeto. Toda a estrutura desta obra parte da filosofia kantiana, que é submetida a críticas e a profundas alterações por o filósofo Schopenhauer. Ele vasculha o núcleo metafísico para decifrar o enigma do mundo, pois é no interior do sujeito que a Vontade se manifesta e se exterioriza no mundo, produzindo conhecimento ou Representação.

Tudo faz referência ao sujeito cognoscente, que representa o mundo com um todo, mas ele, por intermédio da força continuadora da Vontade, se experimenta como objeto, com seu próprio corpo que também é objeto no mundo. Portanto, o que dá sentido é a Vontade e tudo o mais que conhecemos nada mais é que Representação.

REFERÊNCIAS

LEFRANC, J. *Compreender Schopenhauer*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PLATÃO. *A república*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SCHOPENHAUER, A. *Crítica da Filosofia Kantiana*. Trad. Maria Lúcia M. Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Pensadores)

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.